



Paula Lopes, consultora, e Joaquim Guedelha, administrador do CNE

Produtos seguros

O Centro Nacional de Embalagem realiza cerca de 70 ensaios diários para garantir que os produtos chegam sãos e salvos ao consumidor. Será que os seus fazem boa viagem?

Texto José Miguel Dentinho

Se uma imagem vale mais de mil palavras, uma embalagem pode valer muitíssimo mais do que o que o seu conteúdo. Pode fazer milagres ao sobrevalorizar o preço final do produto, ao distingui-lo dos concorrentes, ao permitir poupanças nos custos de transporte ou, pura e simplesmente, cumprindo a sua função mais básica: a de preservar o conteúdo.

Num mercado onde quase tudo é engarrafado, empacotado ou encaixotado, o Centro Nacional de Embalagem (CNE) testa anualmente 600 tipos de invólucros, para garantir que as embalagens cumprem com o que lhes é devido. Realiza entre 60 e 80 ensaios diários, a maior parte para verificar o cumprimento de especificações ou a resolução de problemas na produção.

O CNE, constituído em 1972, testa e certifica vários tipos de embalagens. Desde as que se encontram em contacto com alimentos, às farmacêuticas, de higiene e limpeza e de transporte de mercadorias perigosas. Todos os materiais e formatos são abrangidos.

As embalagens para transporte de matérias perigosas, tal como as que se destinam a conter alimentos, são obrigatoriamente certificadas. Os ensaios para as primeiras simulam as agressões que estas sofrem durante o transporte e manuseamento. Servem para provar que não há perigo para quem as maneje nem para o ambiente, e que não ocorrem perdas económicas.

Nas embalagens para alimentos, entre outros ensaios, verifica-se a migração de substâncias entre o material da embalagem e os alimentos que ela contém. Este é um dos testes a que recorre a maioria dos fabricantes, nomeadamente o Instituto de Soldadura e Qualidade, que há quatro anos se tornou accionista maioritário do CNE, e as 30 empresas associadas do centro, cujas quotas valeram, em 2006, 8% dos 300 mil euros de proveitos do laboratório.

Normalização global

Outra área de actividade é a dos testes de conformidade entre as especificações do cliente e aquilo que os fornecedores oferecem. A instituição também dá apoio e assistência técnica para a definição dessas características. “As grandes superfícies enviam-nos muitos produtos para fazermos ensaios na perspectiva de cliente/fornece-

dor”, diz Joaquim Guedelha, administrador do CNE. É uma área que se estende não só à embalagem, mas também a vários produtos de bazar. São embalagens de produtos de limpeza e higiene, como guardanapos, rolos de papel higiénico, películas aderentes e de alumínio, entre outras utilidades domésticas, e também consumíveis utilizados no hipermercado. Num saco de cliente de um supermercado avaliam-se entre 10 a 12 parâmetros como dimensões, espessuras, tracção do material plástico e das soldaduras, propagação do rasgamento, fadiga das asas, choque ao enchimento e queda sobre o fundo, entre outros.

Acompanhar todas as directrizes exige formação contínua, saber que o CNE transmite aos seus associados através de sessões informativas e de uma *newsletter* bimensal. Gere a comissão técnica portuguesa de normalização de embalagens, que reúne

peritos de várias áreas que acompanham os trabalhos da ISO – International Standardization Organization e do CEN – Comité Europeu de Normalização. Para que nada falhe, muito menos o seu negócio.

Os testes das embalagens para cerâmicas exportadas para os Estados Unidos englobam cinco quedas consecutivas – com o produto no interior, claro

